

ÚLTIMAS PALAVRAS NO CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Eduardo Tuffani (ago. 2025)
<www.e-tuffani.com.br>

Aos docentes e discentes do curso de Letras da UFF:

Em ocasiões como esta, geralmente há o convite para algumas palavras da parte de quem deixa a Instituição. Melhor ainda é se o que se diz chega a texto, embora isso possa ter um lado nem sempre positivo, quando o discurso não acrescenta nada de realmente instrutivo e é feito simplesmente como uma formalidade, sendo mais páginas enfadonhas, como acabei de ler um nas últimas férias de julho... Ainda que sejamos professores, nem todos temos o dom da palavra – coisa que a oratória pode melhorar –, mas temos que dar conta de um registro escrito que sirva à memória. Confesso que prefiro escrever e me lembro, assim, de um ex-professor da Casa, em que entrei em 2000, o qual, pouco depois disso, partia para a sua aposentadoria e também não se considerava um bom orador.

Antes de ter ingressado na UFF, eu havia atuado por uns seis anos e meio na Universidade de Brasília e por quase exatos sete anos na Universidade Estadual Paulista. Em 3 de abril deste ano de 2025, completei 38 anos de magistério em Universidade. Concluí minha graduação em 1985 na Universidade de São Paulo, iniciei o curso de pós-graduação em 1986 e, nesse mesmo ano, fui aprovado em processo seletivo na Unesp, mas só pude tomar posse no ano seguinte, em 1987, em razão de plano do Governo Sarney. O concurso público, em âmbito federal, se deu em 1994, tomando eu posse na UnB em 4 de abril desse ano. Com o cargo redistribuído da UnB para a UFF, passei a fazer parte desta última a partir de 26 de setembro de 2000, tendo posse e exercício em 30 de outubro, mais de um mês depois devido à licença médica. Na Unesp, fui professor de Língua e Literatura Latina na então existente graduação de Português-Latim. Mais à vontade me senti na UnB pois fui concursado em Língua Latina, já que sempre me identifiquei nas Letras mais com os estudos linguísticos. Na UnB, encontrei três Departamentos: Línguas Estrangeiras (LET), Teoria Literária e Literatura (TEL) e Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula (LIV). Muito proveitoso foi para mim o convívio com professores de Linguística, como Aryon Rodrigues, Hildo Honório do Couto, Lúcia Lobato e Stella Maris Bortoni-Ricardo. Da Unesp de Assis, não posso deixar de mencionar o nome do professor Enio Fonda, “Mestre Fonda” como era chamado, defensor do estudo da Latinidade Brasileira. Que fim terá levado o seu *Archivum*? Estará perdido em boa parte como a sua biblioteca? O seu arquivo era o grande e único repositório dos poetas latinos brasileiros. Na UFF, conheci, pessoalmente, Rosalvo do Valle e Carlos Eduardo Uchôa, professores dos sonhos de Napoleão Mendes de Almeida, professores de Latim e de Português. Rosalvo e Uchôa tinham sido alunos de Ernesto Faria na antiga Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (hoje UFRJ). Na FNF, ou FNF, Rosalvo trabalhou como Assistente de Faria e, na UFF, de Ismael Coutinho, nosso Professor Fundador de Latim. Na FNF, Uchôa foi Assistente de Faria e de Mattoso Câmara na Faculdade de Letras da UFRJ.

Embora hoje cause estranheza, tivemos aqui concursos também para Língua Latina e Literatura Latina. Quando entrei na UFF, e comigo, éramos seis: 3 de Língua, 2 de Literatura e 1 de Língua e Literatura. Por ocasião da fundação das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, com impulso na virada dos anos 30 para os 40 (do século passado), houve casos de cadeiras distintas para Língua Latina e Literatura Latina, como no Instituto La-Fayette (núcleo da atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais (incorporada pela hoje Universidade Federal de Minas Gerais). Essa separação institucional no que compete à atividade docente tem, sim, os seus méritos por mais que pareça incompreensível. Como membro do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da UFF, atuei na graduação de Português-Latim durante vários anos e sempre assumi, ao longo de todo o período de trabalho, disciplinas de Latim do que seria o antigo Currículo Mínimo de Letras. Praticamente, quase sempre lecionei à noite, comecei à tarde, é verdade, no entanto, depois daquele primeiro período com início no longínquo 6 de setembro de 1985, na EEPG “Dr. Carlos Koch”, no Embu das Artes – quatro décadas daqui a alguns dias –, as aulas foram à noite basicamente. Os processos seletivos realizados na Unesp e na UnB foram voltados para o período noturno, o da UnB se tratava mesmo de implementação de curso noturno. Além disso, como as coisas na vida não são como queremos, ficou difícil para mim assumir aulas de manhã, e a graduação específica de Latim teve entrada pela manhã em definitivo, o que concentrou a minha atividade docente regular àquelas disciplinas do “Currículo Mínimo”, trabalho que lembra o de colegas de Linguística, de Teoria Literária e, aqui, de Crítica Textual. Devo mencionar as muitas disciplinas ofertadas a alunos de outros cursos da Universidade, sobretudo de Filosofia e de Ciências Humanas, inclusive em nível de pós-graduação, hoje direcionadas para a Extensão, que pretendo manter depois de aposentado.

Mas o que dizer? Mesmo tendo oratória, de nada serve um discurso vazio e falto de conteúdo, pois convém que se passe algo a quem ouve ou lê, uma mensagem válida, que encaminhe à reflexão para o momento. No presente, a Universidade vive uma situação muito delicada, sobretudo para os Estudos Clássicos, isso pensando-se no Brasil e mesmo no exterior. Os Estudos Clássicos, no País, passam por uma fase que apresenta vitalidade, mas, ao mesmo tempo, há uma contrapartida menos abonadora. Não há como omitir o que se segue: na Internet, existem, de professores de Latim, vídeos dos quais um bom aluno de primeiros períodos é capaz de retocar pontos essenciais, e os há até de docentes universitários. É evidente que nem tudo vai nessa mesma toada, porém, em tempos tão questionadores, os lapsos de parte comprometem a totalidade. Também se vê, de um bom tempo para cá, uma expansão desenfreada de cursos superiores, de cursos até com saturação de candidatos no mercado, o que não contribui em nada para um real crescimento da Universidade, pois é algo de acentuado cunho político. Esse crescimento ilimitado, carente de recursos para tanto, tem levado a um desprestígio da carreira acadêmica no que tange à remuneração. Entrei na Universidade como Auxiliar, o primeiro nível da carreira, mas sempre recebi como Doutor, já que era possível usufruir de bolsa, e o que eu gastava com passagens e estada, pois me deslocava da Capital para o interior do Estado, seriam agora – até o último reajuste – 38% do salário líquido do recém-Doutor! Como isso foi algo vivido por mim, tenho que o recém-Doutor recebe hoje perto de metade da remuneração de décadas passadas, algo que recorda o vivenciado pelos professores do antigo Secundário. Como se não bastasse, também me lembro de que a Universidade

Federal chegou a ter salários superiores aos pagos por Universidade Estadual (da unidade paulista).

Durante a minha trajetória, assumi disciplinas e cursos de Latim, de Grego Antigo e de Tupi Antigo, tendo colaborado com Português por diversas vezes. Quanto à produção intelectual, acabei contribuindo também com algo que beneficiou as Letras Clássicas da Ciência da Informação, coisa nem sempre bem compreendida, no seu início, por parte de colegas de trabalho. Aproveitando essa deixa, é bom se dizer que nem tudo foram flores, e, se algumas questões foram superadas, esquecidas mesmo, outras não tiveram desfecho semelhante. Aquela atividade de referência em Letras Clássicas teve ainda o auxílio da História da Educação para que fosse levada a termo de forma satisfatória, mas nunca deixei de me considerar um professor ligado mesmo ao ensino de Línguas Clássicas, antigas e amparadas na Filologia, tencionando elaborar, futuramente, juntamente com Beethoven Alvarez, material para a memória das Letras Clássicas da Federal Fluminense.

Pensando-se bem no que foi exposto, a mensagem que fica é esta: o desafio agora é a manutenção do estudo do Latim, e das suas Literaturas, neste mundo problemático em que vivemos e que nos insta segundo as exigências contemporâneas. Como trabalhei na Unesp e na UnB, era bem viva ainda, então, a memória dos que tinham lutado pela fundação e pela implementação de cursos pioneiros em Brasília e no interior de São Paulo, com Faculdades sobretudo em Araraquara, Assis, Franca, Marília e São José do Rio Preto. Hoje temos os cursos, mas, se foi difícil criá-los do nada, talvez mais difícil seja mantê-los em atividade diante dos percalços que envolvem tudo que diz respeito ao ensino formal nos seus diversos níveis, incluídos aí os próprios da Universidade. Quando se evoca a memória e, neste caso em pauta, cabe lembrar que, neste ano de 2025, os cursos superiores em Letras, no Brasil, completam um século de fundação, iniciativa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento, unidade integrante da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.